



# Adoro Conhecer Braga

PERCURSOS TURÍSTICOS E CULTURAIS  
DA CAPITAL DO MINHO



A C B  
ASSOCIAÇÃO  
COMERCIAL  
DE BRAGA

150  
ANOS



A C B  
ASSOCIAÇÃO  
COMERCIAL  
DE BRAGA

150  
ANOS

<b>Título</b>	ADORO CONHECER BRAGA Percurso Turístico e Cultural da Capital do Minho Edição Comemorativa do 150º Aniversário da Associação Comercial de Braga Maio 2013
<b>Edição</b>	Associação Comercial de Braga
<b>Autoria</b>	Margarida Costa
<b>Convidados</b>	Agostinho Peixoto José Hermínio da Costa Machado Carlos Aguiar Gomes Carvalho Araújo Rui Ferreira Isabel Silva José Ribeiro Pinto Maria do Carmo Ribeiro e Manuela Martins Joaquim Gonçalves Pedro Morgado Ricardo Silva José Vieira Leite Luís Miguel Ribeiro Baptista da Costa Rui Morais
<b>Design e paginação</b>	Cláudia Gomes
<b>Depósito legal</b>	359863/13
<b>Produção litográfica e acabamento</b>	Graficamares, Lda.

# Adoro Conhecer Braga

PERCURSOS TURÍSTICOS E CULTURAIS  
DA CAPITAL DO MINHO



## Capítulos

---

OS SABORES	PÁG. 18
CIDADE DE SOVS	PÁG. 28
CIDADE DOS ARCEBISPOS	PÁG. 31
ARQUITETURA E PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO	PÁG. 47
CIDADE HISTÓRICA	PÁG. 61
MUSEUS E ESPAÇOS MUSEALIZADOS	PÁG. 71
ARTES E OFÍCIOS	PÁG. 78
VERDE E CRISTALINA	PÁG. 81
PERSONALIDADES	PÁG. 89
SAÚDE E JOVIALIDADE	PÁG. 108
É FANTÁSTICO	PÁG. 121
PAISAGEM E PATRIMÓNIO NATURAL	PÁG. 136
CONHECIMENTO E PROGRESSO	PÁG. 146
FUTURO COM PASSADO	PÁG. 158
CAPITAL DO COMÉRCIO	PÁG. 162



VERDE E CRISTALINA

## VERDE E CRISTALINA



78 - Paisagem Mirhota

A história da cidade de Braga encontra-se intimamente relacionada com os recursos naturais existentes na região. A favorável localização topográfica, aliada à abundância de vegetação, bem como de recursos hídricos, fizeram da zona um local privilegiado para habitar, potenciando a constituição de uma cidade que podemos adjectivar como verde, cor que domina a paisagem que a envolve e cristalina pela abundância de água, bem como de património que com ela se relaciona.

Desde o período romano que os habitantes de Bracara Augusta estabeleceram uma importante interação com o meio natural envolvente, pois dele dependiam, desenvolvendo várias estratégias relacionadas, desde logo, com a sua exploração. Todavia, para além da tecnologia produzida com vista à gestão e uso dos recursos naturais, os residentes de Braga desenvolveram igualmente arquiteturas e espaços que lhes permitiram usufruir dos valores simbólicos da natureza, potenciados pelas crenças e pelas práticas culturais e sociais que caracterizaram os diferentes momentos históricos da cidade.

79 - Lagos no Parque Nacional da Peneda - Gerês



Na realidade, a combinação de alguns elementos naturais, essenciais à vida humana, nomeadamente a água e a vegetação permitiu a construção de um rico e diversificado património que atualmente ainda pode ser admirado na cidade.

Entre os testemunhos mais antigos que permitem documentar a relação que os habitantes da área envolvente da cidade estabeleceram com os recursos naturais destacam-se, pela sua clara associação à água, o balneário pré-romano da estação dos caminhos-de-ferro e o santuário da Fonte do Ídolo, com continuidade funcional durante o período romano.



80 - Fonte do Ídolo

O património arqueológico referente ao período de ocupação romana é bastante diversificado, pois, na verdade, os romanos eram um povo que valorizava e apreciava a natureza. Destacáramos deste conjunto, os complexos termais, como as termas públicas do Alto da Cividade, localizadas num dos pontos mais altos da colina onde a cidade se implantou, possibilitando uma vista panorâmica para os verdes montes que a rodeiam mas, também, os espaços ajardinados existentes nas habitações, como na Domus (casa) das Carvalheiras. Refira-se, ainda, que a água necessária ao abastecimento de Bracara Augusta seria captada em mananciais regulares localizados na zona envolvente, que seria conduzida para a cidade através de canos e condutas, alguns dos quais recuperados pelas escavações arqueológicas, como o aqueduto romano de Gualtar.

Na Idade Média, a cidade de Braga passa a depender de forma significativa da exploração dos recursos naturais existentes nas proximidades da cidade. Campos de vinha, soutos e carvalhos rodeavam o espaço exterior da muralha medieval, proliferando intramuros inúmeras zonas verdes e hortas, como o Campo de Touros dos Arcebispos ou as hortas e jardins do Paço Arquiepiscopal. Saliente-se, igualmente, os locais de captação de água, nomeadamente bicas, poços e fontes, como a Fonte de S. Geraldo, localizada nas proximidades da Sé, umas das mais importantes e antigas fontes medievais. Os locais destinados ao culto, como a Sé Catedral, constituem simultaneamente o reflexo da combinação harmoniosa entre Deus e a natureza, onde a água, sobretudo a benta, adquire um valor particularmente simbólico, vital para a vida humana mas, também, para a limpeza espiritual.



A partir do século XVI, sobretudo pelas mãos do Arcebispo D. Diogo de Sousa, Braga conhece um significativo período de renovação urbana, pautado em grande medida pela criação e embelezamento de ruas, largos, praças e áreas ajardinadas, com uma arquitetura revivida, inspirada em elementos simbólicos naturais. Entre as obras que são atribuídas a este prelado contam-se, no espaço intramuros, um jardim nos Paços, junto da Sé, que adornou com laranjeiras e uma fonte, a reformulação do Largo do Paço, onde mandou colocar um novo chafariz, ou o revitalização da área junto ao atual Arco da Porta Nova, por ele mandado abrir, através da edificação de um novo mercado coberto para a venda de peixe, bem como uma fonte. Já no espaço exterior, junto às portas da cidade, desacataríamos a abertura de grandes largos, designadamente os campos de Santa Ana, dos Remédios, das Carvalheiras, das Hortas e o Campo da Vinha. Tratava-se, na generalidade, de áreas ocupadas até então por vinhas e diferentes árvores, que permitiam a articulação com as vias que ligavam a cidade à periferia e, deste modo, a ampliação da área urbana de Braga mas, também, a criação de novos espaços lúdicos e de sociabilização. O Campo de Santa Ana, atual Avenida Central, foi aberto num espaço de vinhedos e arvoredo onde D. Diogo de Sousa mandou edificar umas estrebarias, junto à Porta do Souto e colocar um cruzeiro e um pelourinho. Do lado oposto, mandou reformular a Igreja de Nossa Senhora-a-Branca e fazer uma fonte junto dela. Determinou ainda a construção de uma pequena capela, que viria a dar o nome ao campo.

A obra iniciada por D. Diogo de Sousa teve continuidade ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, através da intervenção de vários outros arcebispos, que impulsionaram a urbanização mas, também, a ornamentação de antigos e novos espaços, através de fontes e chafarizes que passaram a adornar as praças e jardins da cidade, grande parte deles alimentados pelo sistema hidráulico das Sete Fontes, ultimado em meados do século XVIII, no arcebispado de D. José de Bragança.

A perspetiva cenográfica criada entre a Arcada e o Santuário do Bom Jesus do Monte, através da grande artéria que se estende do Campo de Santa Ana até à Igreja de S. Vitor, constitui uma boa demonstração da aplicação dos ideais barrocos ao espaço urbano bracarense, articulando-o com o verde dominante das encostas do Bom Jesus.

De igual modo, a beleza e o requinte com que a enorme quantidade de praças e jardins existentes no século XVIII são adornados refletem o potencial das artes decorativas setecentistas. Na generalidade destes espaços, as fontes e chafarizes, de elaborada composição arquitetónica e escultórica, constituem um denominador comum, como é o caso do denominado de Chafariz dos Castelos, do Largo do Paço.

Segundo o Padre Luís Cardoso, para o século XVIII, existiam na cidade 70 fontes perenes, entre públicas e particulares, algumas de maravilhosa arquitetura. A persistência de muitas delas, ainda no século XIX, terá suscitado mesmo, que alguns visitantes atribuíssem a Braga o epíteto de Cidade das Fontes.

Não podemos terminar este breve texto, sem destacar a importância do Santuário do Bom Jesus do Monte, pelo seu enquadramento harmonioso e altaneiro na paisagem, pela sua abundância em água, mas, também, pela imponência do seu escadório, adornado com fontes de água alegóricas aos 5 sentidos, que contribuem, de forma singularmente verde e cristalina, para o enriquecimento do património da cidade de Braga.

**Maria do Carmo Ribeiro**  
**Manuela Martins**

81 - Jardim do Bom Jesus



82 - Chafariz no Largo do Paço



83 - Jardim do Museu Noqueira da Silva



# ROTEIRO VERDE E CRISTALINA

